

Bibliotecas: tradição no acúmulo e circulação de idéias

Por Andreia Hisi

A palavra biblioteca nos remete a um lugar tranquilo e silencioso, ou para alguns, a apenas um repositório de livros. Mas muito mais do que um lugar reservado a livros e leitores, as bibliotecas têm muito a dizer sobre as relações estabelecidas ao longo da história entre a cultura e as pessoas, entre a humanidade, seu conhecimento acumulado e seu legado para o futuro.

A história das bibliotecas remonta à história da consolidação da civilização em seu aspecto mais fundamental, no qual os resultados dos progressos da humanidade em sua evolução social e intelectual são mantidos e perpetuados. “A ciência é cumulativa e a biblioteca tem a função de preservar a memória – como se ela fosse o cérebro da humanidade – organizando a informação para que todo ser humano possa usufruí-la”, explica Luís Milanese, professor do Departamento de Biblioteconomia da Escola de Comunicação e Artes da USP (ECA/USP), no livro *O que é biblioteca*. Desta maneira, segundo ele, a história da biblioteca é a história do registro da informação.

De acordo com Ana Lúcia Merege, da Biblioteca Nacional, o conceito de “biblioteca”, apresentou significados diferentes ao longo do tempo, sem, contudo, deixar de representar um espaço de registro de informações. “O conceito de biblioteca como lugar de acumulação de registros escritos remonta à Antiguidade. As primeiras civilizações a criar sistemas de escrita foram também as pioneiras em manter bibliotecas. Na Mesopotâmia, as bibliotecas compostas por tabuletas de argila, com registros em escrita cuneiforme, existem aproximadamente desde o século V anterior à nossa era”, conta.

Segundo Merege, assim como hoje, as obras eram organizadas segundo critérios rigorosos, e também havia mecanismos de consulta. “Na mais antiga biblioteca de que se tem notícia, a de Ebla, na Síria, havia extensas listas de nomes, dicionários e gramáticas. Na de Assurbanípal, a mais famosa biblioteca da Mesopotâmia, as obras eram divididas em ‘Ciências do Céu’ e ‘Ciências da Terra’, eram catalogadas e ficavam a cargo de funcionários qualificados”, aponta. Como apenas uma pequena parcela da população sabia ler, essas bibliotecas particulares ou institucionais só eram usadas por estudiosos e, em certas civilizações, por funcionários e escribas que davam suporte à administração. “Ainda assim, pode-se dizer que o conceito de biblioteca como espaço de saber também data da Antiguidade; basta citar, como exemplo, a famosa biblioteca de Alexandria, que reunia em torno de si um grande número de estudiosos e dava suporte a debates, pesquisas e avanços científicos”, completa.

A biblioteca de Alexandria foi fundada pelos primeiros representantes da dinastia ptolomaica, no século III a.C, no interior do Museion, ou templo das musas (centro de cultura grega). Sua finalidade era “concentrar em si toda sabedoria acumulada pelo mundo grego, dando a seus herdeiros domínio sobre ela”, relata Matthew Battles, da biblioteca Houghton, no livro *A conturbada história das bibliotecas*. Parte da mitologia que envolve essa biblioteca se deve aos relatos que ressaltavam as atividades intelectuais em torno dela, uma vez que não restou nenhuma evidência física de sua existência. “Os estudiosos do Museion comiam juntos num refeitório e toda propriedade intelectual era coletiva, modelo que seria imitado depois, na Idade Média, pelas primeiras universidades europeias. O grau de liberdade acadêmica de que os estudiosos desfrutavam era extraordinário”, aponta Battles. “Ao patrocinar esse objetivo, os

ptolomeus confirmavam a intuição essencialmente alexandrina de que o conhecimento é um bem, uma mercadoria, uma forma de capital a ser adquirido e entesourado”, conclui.

Atenas e Pérgamo também sediaram grandes bibliotecas, com centenas de milhares de livros. Havia ainda bibliotecas mais modestas em Rodes e em Antioquia (atual Antakya, na Turquia). O mundo experimentou sucessivas experiências de acúmulo e organização dos livros, como a profusão de bibliotecas particulares durante o Império Romano, além de importantes iniciativas como a biblioteca de Constantinopla, no século V, com cerca de 120 mil volumes, ou as coleções medievais cristãs, mantidas em monastérios.

As bibliotecas, ainda que fossem espaços de circulação do saber, eram centralizadas em torno da relação entre governantes e intelectuais. “Em tempos de guerras, infortúnio ou decadência, porém, essa centralização tornava-se um problema, pois toda a literatura contida ali estaria condenada a ter o mesmo destino que a biblioteca”, explica Battles. Contudo, mesmo que algumas bibliotecas se perdessem através de guerras, a tradição estabelecida se manteve. Na Idade Média surgiram, na Europa, importantes bibliotecas nos centros de poder político-econômico, como as bibliotecas italianas de Florença (Laurenziana, arquitetada por Michelângelo), Veneza (Marciana), do Vaticano (fundada pelo Papa Sisto IV), de Milão (Ambrosiana), além das bibliotecas de Roma, entre elas a da Universidade Sapienza (uma das mais antigas do mundo).

As bibliotecas monásticas, em particular, tiveram um papel fundamental, pois além de manter livros que eram essencialmente religiosos, também contribuíram para a perpetuação e preservação de textos da Antiguidade. Os monges beneditinos praticavam o ofício de *scriptoria*, ou seja, realizavam cópias de livros que se tornaram raros no Ocidente. Embora os monges censurassem certas obras ou passagens, esse trabalho permitiu a perpetuação de obras antigas. O mosteiro de Monte Cassino, próximo a Roma, foi provavelmente o maior do Ocidente, onde se copiou aproximadamente três mil volumes.

Na França, a Biblioteca Real (atual Biblioteca Nacional), foi criada por Carlos V, em 1368, e ficava no palácio do Louvre, com aproximadamente 1,2 mil volumes. Mas a biblioteca pública francesa mais antiga é a Mazarine, aberta ao público desde 1643. Ela se origina como coleção particular do cardeal Mazarin e foi consideravelmente expandida sob a tutela de Gabriel Naudé, autor do primeiro tratado de biblioteconomia moderna. Para garantir a sua manutenção, Mazarin integrou-a ao Collège des Quatre Nations, destinado à educação de jovens das quatro províncias que estavam sob sua regência e que, mais tarde, tornaria-se o Institut de France (reunião das academias francesas de letras, belas-artes, ciências e ciências sociais).



Frente da Biblioteca Mazarine, em Paris. Foto: Wikimedia Commons.

Além dessa incipiente abertura das bibliotecas ao público, um marco histórico fundamental mudaria para sempre o alcance das obras. “A adoção do formato códice em substituição ao rolo já havia facilitado muitíssimo a circulação de informação nos primórdios da cultura cristã. Mas o surgimento da imprensa, no século XV, é o grande divisor de águas, pois permitiu uma multiplicação de obras, de sua circulação, e foi, conseqüentemente, vital para o surgimento e o incremento de bibliotecas”, diz Merege.

De acordo com ela, ainda que parte do conhecimento tenha sido transmitido ao longo do tempo de forma oral, as bibliotecas tiveram um papel crucial na formação da cultura ocidental. “Tanto as bibliotecas da Antiguidade, quanto, mais tarde, as da Idade Média e da Moderna foram repositórios de saber e cultura sem os quais boa parte dos conhecimentos acumulados pela humanidade teriam sido perdidos. O Renascimento, por exemplo, só foi possível graças à preservação de textos de filósofos e cientistas clássicos, retomados séculos mais tarde”, ressalta. No Oriente, segundo Merege, não era diferente, e o conhecimento acumulado dos orientais influenciou, inclusive, as grandes navegações, que tomaram impulso na Península Ibérica a partir do século XV. “Durante séculos ela esteve sob o domínio muçulmano, e pôde aproveitar a tecnologia e as instituições – avançadíssimas para a época – que eram mantidas pelo Islã. Em Córdoba e Granada, assim como em Bagdá, havia hospitais, observatórios e bibliotecas, e o número de leitores era muito maior do que no restante da Europa”, afirma. Merege destaca, assim, a importância dos livros e das bibliotecas para as civilizações do Oriente. “Na Índia, nos séculos VIII-V antes de nossa era, existiam universidades que mantinham extensas bibliotecas de obras escritas sobre folhas de palmeira; a China e o Japão também têm livros e bibliotecas milenares. O papel surgiu, inclusive, na China e foi trazido para o Ocidente pelos muçulmanos. E em todos esses países existe uma tradição que mantém e valoriza a cultura escrita, os livros e as bibliotecas”, conclui.